

**MULHERES PRATICANTES DE RUGBY :
FEMINILIDADES EM JOGO**

Thais Rodrigues de Almeida¹

Resumo

Nesta pesquisa, procurei compreender como as mulheres do Charrua Rugby Clube vivenciam o universo cultural deste esporte, e as representações de corpo, gênero e sexualidade que emergem no contexto investigado. Embasada por uma perspectiva feminista e pós-estruturalista dos estudos de gênero, realizei este trabalho inspirada por um olhar etnográfico, composto por observações participante e entrevistas semi-estruturadas. A partir dos dados e interpretações, considereei o rugby enquanto um universo cultural permeado de símbolos e representações colocando em questão o corpo, gênero e a sexualidade de suas praticantes.

Palavras Chave: *mulheres e esporte, gênero, rugby.*

Nesta pesquisa, propus refletir acerca da temática “mulheres e esporte”, mais especificamente lançar o olhar para mulheres praticantes de *rugby*. Tendo em vista que este esporte de um modo geral é pouco conhecido no Brasil, ao realizar as primeiras aproximações e observar as imagens do jogo em si, composto por trombadas, empurrões e fortes contatos físicos, a estética desta prática provocou sentimentos de estranhamento, ao mesmo tempo em que se tratando de mulheres a praticá-lo, essas características me instigaram a conceber este esporte enquanto objeto passível de investigação². Para tanto, mais do que visualizar a dinâmica do jogo e suas peculiaridades técnicas, neste trabalho procurei observar o que vem a ser a prática do *rugby* feminino, considerando-o um universo cultural particular permeado de símbolos e representações.

Além disso, identifico o *rugby* como uma prática que foi historicamente fundamentada e institucionalizada num contexto cultural onde as masculinidades se destacavam, e atualmente ainda persistem como principal referência. Como bem demonstrou Rial (1998) em seu trabalho, no qual identificou o campo de rugby, como um lugar amplamente vinculado às masculinidades de seus praticantes. A autora, ainda deixa em aberto, a idéia de por quanto tempo a supremacia masculina permaneceria incontestável neste esporte, a qual tomo por questionamento, ao observar que mesmo com a inegável inserção das mulheres neste território, ainda há um amplo caminho de transformações para que hajam condições em níveis de equidade (de participação, espaço, incentivo, aceitação), relativos à esta prática.

Tais afirmações me levam a refletir sobre o interesse pelo estudo do fenômeno esportivo, o qual acredito, se deve em muito ao fato de considerar o universo das práticas corporais e especificamente o esporte contemporâneo como um lugar de disputas, contestações, interesses, onde dou especial atenção às mulheres que se inserem neste contexto. O esporte ainda, como um meio social permeado de símbolos e representações, as

¹ Mestre, UFRGS.

² O tema do *rugby* feminino foi discutido na minha dissertação de mestrado intitulada “Fortes, aguerridas e femininas: Um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de *rugby* em um Clube de Porto Alegre”. Realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS – 2006/2008.

quais na maioria das vezes privilegiam os homens, as masculinidades, levando as mulheres seduzidas pelas práticas esportivas a uma longa trajetória de lutas, conquistas, avanços e retrocessos para garantirem seus espaços no terreno esportivo.

Para olhar as mulheres no esporte hoje, considero necessário compreender que as práticas e significações das mesmas são historicamente construídas, e olhar para alguns fragmentos do passado me auxilia e mobiliza a observar o que se passa na atualidade. Desta forma, fazendo uma breve referência histórica, é interessante constatar que dentro do contexto brasileiro da prática esportiva pelas mulheres, observo que no início do século XX, os exercícios físicos eram indicados, visando principalmente o fortalecimento corporal para uma futura maternidade sadia. Porém, ao mesmo tempo em que se recomendavam determinadas atividades físicas, outras foram proibidas (GOELLNER, 2004). Essas proibições, que a partir do período do Estado Novo passaram a ser oficializadas por leis, e conforme Mourão ainda privilegiavam: “[...] crenças sustentadas pelo mito do sexo frágil e pelas argumentações científicas calcadas na necessidade de proteção à reprodutora (2003, p. 128)”.

No cenário atual, atendo-se à realidade brasileira, passados mais de vinte anos da revogação das leis que restringiam a prática feminina em determinadas modalidades, do ponto de vista legal, todos os esportes são permitidos às mulheres. Praticá-los, entretanto, representa uma atitude ainda suscetível a representações (por parte de homens e mulheres), que persistem associando determinadas práticas a um referencial exclusivamente masculino, questionando as feminilidades das mulheres que se aventuram neste terreno. Por certo que muitos dos discursos em especial os biológicos³, que davam conta de limitar a participação feminina em diversas práticas caíram por terra, porém, de um modo geral, muitas das representações ancoradas e significadas nesses discursos ainda persistem. Tais afirmações, vem ao encontro da proposta central deste trabalho, a busca por pesquisar sobre a temática mulher e esporte, tendo como objeto específico de estudo, as mulheres praticantes de *rugby*.

Partindo-se destas constatações, e ainda da informação de que mulheres praticavam o *rugby* em Porto Alegre surgiu a motivação de se pesquisar o único time feminino em atividade competitiva no Rio Grande do Sul, vinculado ao Charrua Rugby Clube. Com objetivo de compreender como as mulheres vivenciam o universo cultural do *rugby*, e as representações de gênero e sexualidade que dele emergem. Para tanto, foi traçado um caminho metodológico apoiado nos referenciais de cunho qualitativo, tanto na coleta dos dados quanto na interpretação dos mesmos.

Aproximações com o Universo Cultural do Rugby

O *rugby* pode ser considerado um dos primeiros esportes modernos institucionalizados⁴, e cabe destacar que os processos e o meio social onde ocorreu o desenvolvimento desta prática, estavam carregados pelos valores e significações que a caracterizavam como confrontos de “luta simbólica”. Elias e Dunning em seu trabalho sobre a sociologia do esporte, identificaram o início do *rugby* como uma atividade que baseou-se num *ethos guerreiro*, onde a bola possuía pouca importância, “os confrontos eram jogos de pontapés indiscriminados, atos nos quais o fato “viril” consistia em enfrentar o adversário e dar caneladas mútuas” (p. 397, 1992). Para

³ Por exemplo, da fragilidade feminina, da proteção à maternidade, da inaptidão física.

⁴ No século XIX.

os mesmos autores, no contexto das Public School⁵ inglesas onde o Rugby era praticado, esse aspecto e virilidade era ideologicamente justificado, por um lado, como campo de treino para a guerra, e por outro, pelo seu aproveitamento na educação dos futuros chefes militares e administrativos.

A partir do desenvolvimento e da institucionalização do esporte, especialmente com a formação de clubes de Rugby, Ellias e Dunning sugerem em sua obra, que esses locais poderiam ser considerados como uma área masculina reservada, onde alguns homens reforçavam a sua masculinidade “ameaçada”. Pois tais clubes, e no interior dos mesmos o culto às expressões de virilidade⁶, foram interpretados como uma espécie de reação, numa época em que na sociedade inglesa, percebia-se aumentado o poder das mulheres em relação aos homens, manifestado especialmente pelas lutas das sufragistas.

Se historicamente o *rugby* constituiu-se num esporte onde valorizavam-se as representações de masculinidades, tomando um exemplo mais contemporâneo, Saoutier destaca em seu trabalho⁷ que o *rugby* permanece como “esporte da virilidade por excelência no imaginário coletivo” (p.38, 2003), a autora ainda salienta que a literatura e imprensa difundem amplamente a tradição machista do *rugby*, a partir da observação dos livros e artigos dedicados ao esporte, indica uma quase total invisibilidade das mulheres neste meio.

Num dos poucos estudos especificamente sobre o *rugby* feminino encontrados na literatura científica, Martin (2001) ao tentar analisar as origens do *rugby* feminino na Inglaterra, menciona a grande dificuldade de se encontrar dados objetivos que tratem do surgimento e do desenvolvimento deste esporte. Tendo em vista que, naquela sociedade, como já foi aqui mencionado, se configurou como um dos primeiros esportes modernos institucionalizados “por” e “para” os homens.

Com o objetivo de analisar quais as circunstâncias específicas um grupo de mulheres, no passado, decidiram jogar *rugby*; a autora se utiliza da estratégia de estabelecer uma rede de contatos com informantes que – através das suas histórias de vida levaram-na a conhecer mais dessa história não contada. Martin, afirma que as motivações destas mulheres a praticar o *rugby*, podem certamente estar ligadas a contextualização social na qual viviam, a maioria delas, estudantes universitárias - num período de intensas reivindicações políticas e sociais nas questões de gênero - no final dos anos setenta. Assim sendo, esta autora considera que a relação dessas mulheres, como jogadoras de *rugby* teria mais a ver como fato de serem todas estudantes universitárias, compartilhando dinâmicas e vivências universitárias conjuntas, do que serem mulheres - querendo imitar os homens – jogando um esporte com altas conotações masculinas. Este último argumento, foi apontado pelas pesquisadas, como um dos problemas enfrentados quando da tentativa de montarem clubes femininos fora das universidades.

Como conclusões do estudo, a autora aponta para a necessidade de ampliar tanto as fontes, como as concepções de feminilidades, para poderem ser incorporados mais tipos de mulher, e assim colocar em questão a concepção hegemônica de feminilidade. Desta forma, superar as crenças de que as mulheres não devem praticar esportes altamente físicos e agressivos - como o *rugby*.

⁵ Escolas que não tinham o sentido de públicas, já que eram pagas e abrigavam os filhos dos membros mais “abastados” da sociedade, além de serem exclusivas para garotos.

⁶ No capítulo do livro “*A Busca da Excitação*”, que aborda o desporto como uma área masculina reservada, os autores trazem exemplos do que denominaram de “subcultura macho” no *rugby*.

⁷ SAOUTIER, Anne. *A Mamã e a prostituta: Os homens as mulheres e o Rugby*, onde analisou as relações que os jogadores homens estabelecem com as mulheres ao longo de toda a carreira.

Pensar, portanto, na trajetória das mulheres no *rugby*, é percorrer um caminho onde nas narrativas oficiais, assim como em outros tantos esportes, as mulheres foram praticamente silenciadas, deixadas em zonas de sombra. Nesta pesquisa, priorizei a possibilidade de buscar nas observações e narrativas de mulheres que praticam o *rugby*, a visualização da inserção de determinadas mulheres nesta prática, especialmente no contexto brasileiro.

Apesar dos mais de dois anos envolvidos nesta investigação, não foram encontrados dados significativo que digam quando e como o *rugby* passou a ser jogado pelas mulheres no Brasil⁸. As fontes primárias encontradas junto aos órgãos oficiais do esporte, tais como a Associação Brasileira de Rugby, referem-se ao início da prática masculina, que se deu no final do século XIX, e seu desenvolvimento nos anos de 1960 a 1970, quando foi vinculado à criação de equipes universitárias. Sobre a prática feminina, as informações fazem referência apenas ao contexto atual das mulheres no *rugby* brasileiro, com centralidade em dados sobre as competições femininas que começaram a ser realizadas por volta de 1996 e 1997 entre equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo, todas fazendo parte de Clubes que já possuíam equipes masculinas. Sendo assim, as informações apresentadas neste trabalho, são fruto da investigação de campo a qual vem sendo realizada junto a um Clube⁹ de *rugby*.

Em termos metodológicos, a opção pela investigação etnográfica se deu por perceber a etnografia como o processo onde o investigador realiza uma imersão na cultura estudada, tendo como objetivo compreendê-la em sua complexidade, uma análise ‘por dentro’ de uma determinada cultura, algo concomitante com os objetivos deste trabalho. Ou seja, a observação direta das realidades sociais pelo observador individual (VIDICH e LYMAN, 2006). Assim sendo, o trabalho de campo nesta pesquisa, foi constituído pela observação participante da rotina de treinamentos e competições da categoria feminina do clube Charrua, e também de encontros extra campo, reuniões, jantares, ou seja, dos espaços de sociabilidades destas mulheres onde o *rugby* é um tema recorrente. Este trabalho, foi aliado ainda à realização de entrevistas semi-estruturadas com praticantes previamente selecionadas no decorrer da pesquisa. Neste percurso investigativo, muitos foram os questionamentos suscitados dentre os quais destaco: Como é o universo cultural desse esporte? Quais os sentidos, significados dessa prática no contexto específico desse Clube? Quais representações de corpo, gênero e sexualidade perpassam as mulheres envolvidas com esta prática?

Mulheres no rugby: em jogo representações de corpo, gênero e sexualidade

Neste trabalho, o corpo foi pensado para além dos atributos biológicos, como algo produzido culturalmente, através de uma construção que é histórica, mutável, e suscetível aos diferentes discursos que cada cultura, nos mais diversos contextos produz. Concordando com as palavras de Guacira Louro quando refere que: “[...] os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente (LOURO, 2000, p.62)”. Tendo em vista que importa aqui, observar as representações de gênero e sexualidade em jogo no contexto cultural específico das mulheres praticantes de *rugby*.

Ao abordar a temática de gênero, parto da compreensão de que essa categoria de análise fundamentada e problematizada em meio às lutas do movimento feminista, não nos leva a uma

⁸ Este tema específico foi trabalhado no capítulo intitulado “Mulheres praticantes de skate e *rugby* no Brasil: histórias a serem narradas”, escrito por mim e por Márcia Figueira, e integrante do livro *Garimpando Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e dança – 2007*.

⁹ Charrua Rugby Clube, o qual possui suas atividades vinculadas à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física enquanto projeto de extensão.

definição fixa e inquestionável, observando que existem múltiplas formas de abordar e problematizar esse referencial. Nesta pesquisa, concebo gênero enquanto um construto social, histórico e plural, ou seja, indo ao encontro com as idéias de Louro (1998) entendendo o gênero fundamentalmente como uma construção social, e portanto histórica, teríamos de supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e de masculino social e historicamente diversos. Além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo.

Considero importante destacar, o aspecto relacional assumido na perspectiva dos estudos contemporâneos de gênero. No artigo de Scott (1995), tem-se uma melhor delimitação desse atributo relacional, pois para a autora não se está colocando a clássica oposição binária entre homens e mulheres, mas sim, aprofundando a necessidade de se desconstruir a histórica supremacia do gênero masculino sobre o feminino.

Cabe ainda apontar, que gênero nesta pesquisa propõe um afastamento de idéias que pressupõem papéis e funções estritamente femininas ou masculinas. Aproxima-se de abordagens mais amplas, as quais consideram as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as identidades, entre outros fatores, os quais são constituintes de uma sociedade permeada de representações e pressupostos acerca do que é o ser homem e ser mulher. Ao mesmo tempo em que estas representações estão continuamente sendo construídas e/ou ressignificadas, em meio a relações de poder (LOURO, 1998).

Assumindo a concepção deste trabalho na linha dos estudos culturais, parto da noção de que este campo permite algumas aproximações com outros autores e perspectivas teóricas. Um ponto fundamental é a de que nesta perspectiva, adoto uma idéia de cultura a qual pode ser definida como um campo de lutas que envolve os processos de significação. Concordando com os apontamentos de Meyer (2003), quando afirma que poderíamos refletir sobre a cultura a partir dos processos que permitem que determinados indivíduos se reconheçam como pertencentes a determinados grupos, e não de outros.

Como referencial importante para este trabalho, ao tratar de representações, remeto-me à idéia de um conceito que “envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através do quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos – são construídos” (MEYER, 1998, p.20). A linguagem, nesse contexto, desempenharia um papel essencial, como o meio privilegiado pelo qual nós atribuímos significado ao mundo e a nós mesmos, assim como esses processos implicariam relações de poder, concebido segundo a Noção Foucaultiana como um organizador de relações sociais, culturais, políticos, onde os sujeitos ocupariam seus lugares em meio às representações que estão em circulação.

Considerando o gênero, as representações, a cultura como constituintes da identidade dos sujeitos, partindo -se do pressuposto de que “essa é uma atribuição cultural, que sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura” (LOURO, 2000, p.62.), e que podem ser múltiplas, plurais que se transformam ao longo do tempo. Ainda podemos colocar, que as identidades se relacionam com outras categorias (como gênero, raça, etnia, classe social etc), as quais também auxiliam no processo de construção dos indivíduos.

Algumas considerações sobre as mulheres no rugby

Nesta pesquisa, identifiquei o espaço do Charrua *Rugby* Clube, como um local privilegiado de investigação para buscar elementos representativos da prática desse esporte por mulheres e algumas das suas especificidades. Ao observar as tradições da cultura *macho* do *rugby* historicamente construídas e no Charrua reproduzidas, compreendo este esporte

enquanto um terreno fértil para que sejam produzidos e difundidos discursos e representações acerca das mulheres praticantes e suas feminilidades.

A partir das observações, e do trabalho de campo realizado, me permito afirmar que o *rugby* representa, para a maioria¹⁰ das participantes do Charrua Rugby Clube, um importante espaço de sociabilidade e de lazer. Essas mulheres compartilham de uma identidade coletiva e de um pertencimento, ao que elas denominam família Charrua. Porém, observa-se muitas preocupações, como por exemplo a tomada de iniciativas para legitimar seu espaço no Clube, assim como em várias outras práticas esportivas, onde houve uma inserção lenta e gradual.

Um aspecto constante nos diálogos com as mulheres pesquisadas, é a necessidade de desvincular a prática feminina da imagem agressiva e violenta desse esporte. A qual além de deixar marcas nos seus corpos, constantemente enfatiza aspectos de virilidade, através de discursos biológicos, sociais e culturais, que em grande parte, enfatizam o caráter masculinizador da prática. Isso por vezes acaba posicionado as jogadoras de *rugby* em representações de feminilidades diversas, afora as consideradas dentro dos padrões de normalidade, provocando ainda suspeições quanto à identidade sexual das mesmas.

Olhar para as mulheres praticantes de *rugby*, de acordo com os referenciais trazidos neste trabalho, me leva a refletir acerca das representações que circulam, que interpelam as mesmas. O *rugby* enquanto uma prática viril, masculina e masculinizadora, a qual coloca suas praticantes em representações de feminilidades diversas, afora aquelas consideradas dentro dos padrões hegemônicos. Os seus corpos, transformados e ‘marcados’ por esse esporte, carregam também os discursos que sobre eles se impõem, e que muitas vezes pela exterioridade dos corpos, pelas feminilidades que se apresentam e representam, são questionadas também acerca da sua sexualidade, da autenticidade de seu sexo. Afinal julga-se o quão feminina uma mulher é também pela exterioridade de seus corpos (GOELLNER, 2006), portanto, questionar e problematizar essas representações é o que me mobiliza a pesquisar essas mulheres, seus corpos, suas feminilidades.

Por fim, acredito que além de conferir visibilidade às mulheres que praticam o *rugby*, através desta pesquisa, pude analisar as questões levantadas acerca das representações e discussões de gênero e sexualidade em circulação neste esporte, discursos carregados de justificativas, as quais teorias pós críticas dos estudos de gênero e sexualidade auxiliam a desconstruir.

Referências

ELIAS, N; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GOELLNER, S; FRAGA, A. A Inominável Sandwina e as Obreiras da Vida: Silêncios e Incentivos nas Obras Inaugurais de Fernando de Azevedo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.25, n.2 p.71- 84, janeiro 2004.

_____. *Entre o Sexo, a Beleza e a Saúde: o Esporte e a Cultura Fitness*. *Labrys: Estudos Feministas*. junho/ dezembro 2006.

LOURO, G. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós - estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes,1998.

¹⁰ Há aquelas que adotam uma postura de atletas, chegando até mesmo a participar da Seleção Brasileira de *Rugby*.

- _____ Corpo, Escola e Identidade. *Educação e Realidade*, v.25, n.2, jul-dez.2000.
- MARTÍN, M. Los orígenes del rugby femenino en Inglaterra. *APUNTS: Educación Física y Deportes*. Barcelona, n.66, 2001.
- MEYER, D. Gênero e saúde: indagações a partir do pós estruturalismo e dos Estudos Culturais em educação. *Revista de Ciências da Saúde*, vol.17, n. 1 , jan/jun, p. 13-32. Florianópolis. 1998.
- _____ Gênero e Educação: teoria e Política. *Corpo Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, p. 09-27. 2003.
- MOURÃO, Ludmila. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades física e esportivas. *Mulher e Esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole. p. 123-153, 2003.
- RIAL, C. Rugby e Judô: esporte e masculinidade. In: Pedro, Joana; Grossi, Míriam. (Org.). *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Mulheres, p. 229-258, 1998.
- SAOUTIER, Anne. A Mamãe e a prostituta: Os homens as mulheres e o Rugby. *Movimento: Revista da Escola de Educação Física*, Porto Alegre, v. 02, n. 09, p.36-52, maio 2003.
- SCOTT, J. Gênero uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.20, n. 2, p.71-99, 1995.
- VIDICH, A; Lyman, S. Métodos qualitativos: sua história na Sociologia e na Antropologia. In:DENZIN, Norman; Lincoln, Yvona; Et Al. *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.